



A JOURNAL OF  
CULTURAL AND  
LITERARY CRITICISM

SELECTED POEMS

Author: Narlan Matos

Translators: José F. Bañuelos-Montes & Sally Perret

Source: *English Studies in Latin America*, No. 14 (January 2018)

ISSN: 0719-9139

Published by: Facultad de Letras, Pontificia Universidad Católica de Chile

---

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-Non Commercial-No Derivs 3.0 Unported License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/> or send a letter to Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Your use of this work indicates your acceptance of these terms.





## Selected Poems

Narlan Matos<sup>1</sup>

Translated by José F. Bañuelos-Montes<sup>2</sup> & Sally Perret<sup>3</sup>

---

1 Narlan Matos (Brazil/U.S.) 1975, Itaquara, Bahia. Considered one of the most important emerging poets in Latin America, his poems have been translated to Slovenian, Spanish, Italian, Vietnamese, Chinese, Croatian, Lithuanian, German, Japanese, English, Romanian, Swiss and Hindi. He travels extensively around the world. Currently he is a professor at George Washington University, U.S.

2 José F. Bañuelos-Montes is an Associate Professor of Spanish at Roanoke College where he has been a faculty member since 2006. His research interest lie in the area of historical and cultural construction of identities in Afro-Hispanic literature. He published the Spanish to English translation of *Los viajes venturosos/Venturous Journeys* (2015), from the Cuban poet Jesús J. Barquet.

3 Sally Perret is an Assistant Professor at Salisbury University in Maryland, where she also serves as the Program Director of Spanish and French Education Specialties. Her research interests include the literatures and cultures of Spain, issues related to nationalism and translation as well as alternative publication techniques of transatlantic poetry.

## **ELEGIA AO NOVO MUNDO**

tu me perguntas meu amigo  
onde eu estive durante o meu longo silêncio

estive na açucena das canas e na amargura dos canaviais  
onde as folhas tremiam de medo dos homens

os canaviais me sussuraram em gritos horrendos  
o sangue amargo que lhe adocicou a boca  
as mãos ásperas que lhe enxugaram a face  
o canavial que morria de fome antes de completar 27 anos de idade  
das vozes sem estrela que embalavam ao longe línguas estranhas  
ó canavial verde, de que cor é meu sangue vermelho?  
meu sangue tem medo da morte do açoite da noite  
meu sangue tem medo de mim

tu me perguntas meu amigo  
onde eu estive durante o meu longo silêncio

eu estive nos navios negreiros mercantes  
que mercaram meu destino até a América até agora  
beberam minhas lendas como se bebe um barril de rum podre  
mercaram cada estrela do céu e do mar infinito  
cada pássaro cada pluma de meu cocar  
e desenharam mapas com meu sangue  
e ergueram totens sobre minha tribo  
e atearam fogo nos campos sagrados do meu povo  
e suas lanças me repartiram as veias em continentes distantes diferentes

tu me perguntas meu amigo  
onde eu estive durante o meu longo silêncio

estive pelas escumas dos mares nunca d'antes  
por onde vieram a pólvora a baioneta o espelho a tuberculose a síffis  
por onde vieram a espada e o elmo  
-as nuvens jamais se esquecerão disso!

oh mar salgado, quanto de teu sal são genocídios de Portugal!

no atlântico negro  
nos tombadilhos de velhos navios piratas  
nos calabouços da crueldade humana  
nas prisões da Serra Leoa – que ainda doem em alguma dobra do meu corpo  
em Angola  
na Guiné-Bissau

no Senegal  
no Benin  
estive no reino da Guatemala  
e na provincia de Yucatán  
e na provincia de Cartagena de las Indias  
e nos grandes reinos e grande provincia do Peru  
e no novo reino de Granada  
e nas ilhas de Cuba e Trinidad  
e no reino dos Astecas  
onde espadas de brutalidade fenderam meu corpo nu  
onde os cães de caça dos barões das índias se alimentavam dos braços e das pernas de crianças indefesas

tu me perguntas onde eu estive meu amigo  
e somente agora posso quebrar meu silêncio:  
eu estive comigo

### **ELEGY TO THE NEW WORLD**

you ask me my friend  
where I was during my lengthy silence

I was in the sweetness of the canes the reed lilies and in the bitterness of the cane fields  
where the leaves trembled in fear of men

the cane fields whispered to me in horrific screams  
the bitter blood that sweetened its mouth  
the rough hands that wiped its face  
the cane field that died of hunger before turning 27 years old  
the starless voices that swayed in distant foreign tongues  
oh green cane field what color is my red blood?  
my blood fears death the scourge of night  
my blood fears me

you ask me my friend  
where I was during my lengthy silence

I was on the slave trade ships  
that trafficked my destiny to America until now  
they drank my legends like one drinks a barrel of rotten rum  
they trafficked each star in the sky and in the vast ocean  
each bird each feather of my headdress  
they designed maps with my blood  
and erected totem poles above my tribe

and set fire in the sacred fields of my people  
and their spears divided my veins in distant different continents

you ask me my friend  
where I was during my lengthy silence

I was in the sea foam of unnavigated seas.  
where gunpowder the bayonet the mirror tuberculosis and syphilis came from  
where the spade and the helmet came from  
-the clouds will never forget this!

oh salty ocean, how much of your salt are genocides from Portugal!

in the Black Atlantic  
in the decks of old pirate ships  
in the dungeons of human cruelty  
in the prisons of Sierra Leon – that still hurt in some fold of my body  
in Angola  
in Guinea Bissau

in Senegal  
in Benin  
I was in the kingdom of Guatemala  
and in the Yucatan province  
and in the province of Cartagena of the Indies  
and in the great kingdoms and great province of Peru  
and in the new kingdom of Granada  
and in the islands of Cuba and Trinidad  
and in the kingdom of the Aztecs  
where swords of brutality ripped up my naked body  
where the barons of the Indies' hunting dogs fed on the arms and the legs of defenseless children

you ask me my friend where I was  
and only now can I break my silence:  
I was with me.

### **península ibérica**

eu, feito de teus padres, tuas pedras e de teu sangue  
de teus gritos e de teus cantos  
de teus sorrisos e de teu pranto  
de tuas naus e de teus naufrágios

ainda em mim tua alegria esparsa sob o sol da taprobana  
a tristeza de teus portos incertos  
abertos para outros mundos e outros monstros  
teus portos há tanto calados..  
deles hoje partem apenas estes fantasmas com que  
escrevo  
não há mais volta para teus navios zarpados nem para  
teus filhos desnaturados

eu, feito de teus cartógrafos e de tuas cartas assustadas ante ao  
meu encontro  
de teus aventureiros e de tuas venturas  
de teus astrolábios bússolas cristãos novos bruxas e  
ciganos  
hereges levianos excomungados e degredados  
ainda em mim as tuas invenções, o teu mocárabe, o  
arabesco de tua fala e de tuas

palavras  
ainda em mim o peso de teus girassóis e de teus  
glossários e o dicionário dos teus  
pecados  
em mim teus bestiários diabólicos, a visagem dos teus corsários  
negros e de teus  
marinheiros perdidos  
em mim o peso de teus galeões afundados para sempre  
na usura dos sete mares  
em mim o peso de tuas mãos onipotentes e de tua cruz  
Sacrossanta  
em meus olhos cansados ainda o brilho luzente do  
ouro em teus dentes

eu, feito de teus quixotes e dos teus lusíadas onde beberam  
vinho à minha desgraça!  
foi a minha desventura que enriqueceu e ornou tua  
doce literatura!  
herdeiro de teus pensadores e de teus pesadelos atrozes  
herdeiro de tua coragem a toda prova e de tua vontade  
tenaz  
em minhas mãos ainda o peso das mãos que abarrotaram teus  
galeões de pau brasil e  
prata e ouro e de teus vãos  
amores  
em minhas costas ainda as cicatrizes dos teus sonhos e dos teus  
romances  
em minha frente aberta as feridas que abriste e em minha noite

oh península dos meus horrores!  
o negro escravo em mim já não teme pelos teus ferros!  
o nativo anda e é livre embora o tenhas feito teu cativo!

ouço o sorriso dos teus palácios e o tilintar dos metais de tua  
prataria em tua mesa limpa  
onde converteste meu pranto em teu canto e minha dor em  
colheres e facas de puro ouro  
é doce o perfume dos teus salões decorados e de tuas cortinas  
finas de veludo azul

marinho

é doce a contradança com que teus homens e tuas mulheres  
nobres entretêm seus

convidados

é doce a fruta que ora pões em tua boca: figos, ameixas, peras,  
maçãs, avelãs  
é doce tua arte refinada com que ornas teus museus, tuas  
bibliotecas e tuas coleções mais

preciosas

e tu península ibérica, és apenas a porta de entrada para a  
majestosa europa!

tu, feita de sarracenos sultões, de tuas armas e dos teus barões  
assinalados

vem de mim esta lama fétida que impera nos teus porões e nos  
teus calabouços

lá nada se cala e tudo é fala e lá eu leio as inscrições do  
meu passado e dos martírios dos meus antepassados nas  
pedras escuras de tuas prisões nas máquinas de tortura que  
engenhaste com destreza para o bem da indústria da tua sorte  
e para a desventura da anti-indústria da minha morte.

sob teus pés

se ergue um

putrefato

mangue!

tu, feita de minhas pedras, de minhas dores e do meu sangue!

### **iberian peninsula**

I, made of your priest, of your rocks and of your blood  
of your screams and of your songs  
of your smiles and of your lament  
of your vessels and of your shipwrecks

still your happiness is in me spread over the sun of Taprobana  
the sorrow of your uncertain ports  
opened to other worlds and other monsters  
in your ports there are so many silent...  
from them depart the fantasies I write  
about today  
there is no return for your missing ships nor for  
your cruel children

I, made of your cartographers and your fearful letters of  
my encounter  
of your adventurers and your advantages  
of your astrolabes compass new Christians witches and  
gypsies  
frivolous heretics excommunicated and banished  
still in me your inventions, your Mocárabe the  
arabesque of your speech and of your  
words  
still in me the weight of your sunflowers and your  
glossaries and dictionaries of your  
sins  
in me your diabolic bestiaries, a ghost from your dark  
corsair and your  
missing sailors  
in me the weight of your sunken galleons forever  
in the usurious seven seas  
in me the weight of your omnipotent hands and your  
sacred cross  
in my weary eyes still the luminous brightness of  
gold on your teeth

I, made of your Quixotes and your Lusiads where  
they drank the wine of my disgrace!  
It was my own misfortune that enriched and adorned your  
sweet literature!  
heir of your thinkers and of your cruel nightmares  
heir of your infallible bravery and of your  
tenacious will  
in my hands is still the weight of those who crammed your  
galleons of Brazil wood and  
silver and gold of your futile  
loves  
on my back still the scars of your dreams and of your  
ballads



on my open forehead the wounds you opened and during my night  
oh peninsula of my horrors!  
the black slave in me does not fear your irons!  
the native walks and is free despite the fact that you have made him your captive!

I hear the smile of your palaces and the clink of metal from your  
silverware on your clean table  
where you transformed my sorrow into your chant and my pain into  
spoons and knives of pure gold  
sweet is the scent of your decorated ballrooms and of your  
fine drapes of ocean blue

velvet

sweet is the music that your noble men and women  
use to entertain their

guests

sweet is the fruit you now take to your mouth: figs, plums, pears,  
apples, hazelnuts  
sweet is your finest art with which you adorn your museums, your  
libraries and your most precious

collections

and your Iberian Peninsula, it is barely the point of entry to  
majestic Europe!

You, made of sultans, of your weapons and of your  
appointed barons  
come from me this foul mud that governs the bottom of your cellars and  
your calaboses  
there nothing is silent and everything is said and there I read the inscriptions of  
my past and of the martyrdom of my ancestors on the  
dark rocks of your prisons, in the torture machines that you  
skillfully made for the good of your industrious fate  
and for the misfortune of the anti-industriousness of my death

over your feet  
there rises  
a putrefied  
mangrove!

You, made of my rocks, of my pains and of my blood!

## **PÓS-COLOMBIANOS**

por pouco  
muito pouco  
os índios  
das Américas  
não conseguiram  
cristianizar  
os conquistadores  
europeus

os europeus  
conquistadores  
por pouco  
muito pouco  
os índios  
das Américas  
não conseguiram  
cristianizar

por pouco  
muito pouco

## **POST-COLOMBIANS**

barely  
just barely  
the Indians  
of the Americas  
failed to  
Christianize  
the conquering  
Europeans

the Europeans  
conquering  
barely  
just barely  
the Indians  
of the Americas  
failed to  
Christianize

barely  
just barely

## AMÉRICA

Para Krista

estou deitado no colo terno da América  
na calma de seus campos de camomila  
em seu peito me aninho e me aquieto  
como relva no bosque  
como a criança nos braços da manhã azul  
contudo estou como a criança prestes a nascer  
estou como o lírio puro prestes a florescer  
percorro a pré-história de mim mesmo  
percorro a história de teus rios de teus cumes  
caminho por teus territórios sagrados  
com meus pés descalços  
por teus prados perfumados de menta

um sol primaveril sobre minha face  
me ilumina e me ama e me contempla como a  
sombra de mim mesmo  
eu o sol e a sombra somos um só sol  
ponho meu ouvido rente ao leito da América e  
escuto:  
ouço seu peito batendo suas vozes falando  
ouço antigas canções esquecidas ainda soando na  
paisagem de mal-me-querer suaves e azaleias  
margeadas de  
margaridas amarelas  
na paisagem de erva-doce tudo é doce  
caminho sob o orvalho calmo que me toca e me  
guia pela premissa azul  
por entre as cores do cenário onde ardo e  
vislumbro teu sorriso de bruma e névoa na face de  
tuas violetas  
América, de ti emanam aromas de cerejas e de  
peras maduras na brisa de agosto e

setembro

América, teu hálito fresco exalando manhãs  
ensolaradas são nascentes de rios virgens  
despertadas pelo amanhecer  
em Macchu Picchu dorme o enigma de tuas pedras  
no Novo México, El condor pasa  
em El Salvador repousam os guerreiros da tua  
chama  
na Nicarágua, uma revolução espreita

na vastidão de tuas planícies me observas com teus  
abutres lince corujas e escorpiões

pássaros montanhese azuis turqueza sobre tuas  
árvores de mirra  
teus petroglifos são vocabulários silentes  
e tatuam teu nome em tua carne sem te ferir  
tuas planícies planas plenas de deuses ateus  
por onde voam flechas envenenadas de sangue  
meus braços abertos rentes ao chão sentem a  
carne da qual és feita  
meus braços nus como a própria terra que sinto te  
acariciam bem lentos  
acariciam a terra da qual haverão de nascer um dia  
para sempre  
formigas passeiam nos limbos das flores  
me cubro de flores silvestres que me olham  
do prado e me ornam  
ponho um trevo sobre meu peito ao sol  
(ao longe é geométrica a cascavel diamante diante  
do mesmo sol)  
me cubro com teu prado de flores e  
frutos e campos elísios  
e vou dormir sob o cobertor das estrelas

América, sem que tu saibas beijo tuas mãos:  
alecrins silvestres e hortelã  
América, sem que tu saibas ergo um  
totem ao teu nome  
América, sem que tu saibas acaricio tua face de  
árvores e absinto  
teus cactus coroados de flores róseas  
América, sem que te peça escrevo meu nome no  
grande abismo dos teus abismos  
desapareço por teus canyons como um coioote  
desaparece ao longe no entardecer vermelho de  
lava.

observo teus pássaros passando forros  
sob a abóboda do firmamento  
em que se firmam teus pássaros já que voam tão  
soltos? Suas asas são carenas navegando o  
mesmo azul do mar  
em suas asas levam a pluma e o poema  
a pluma com que escreverei teu poema

teus pássaros guardam segredos que não se sonha  
nem se vê

teus pássaros são deuses leves

incomunicáveis

teus pássaros são brisas invisíveis por

onde voam outros pássaros invisíveis

outono

observo os pássaros passando sobre mim

e sobre a terra onde me deito em meu

ninho

observo o lírio e o jasmim livres da

ira de teus vulcões

estão ambos o lírio e o jasmim

deitados rentes ao meu lado direito

e como eu te velam contemplam

calados

como ramalhetes de mirra vigiando

tuas noites e tuas constelações claras

como uma chuva de magma líquido

presa para sempre no céu

tomo a forma de teus vales, tuas montanhas tuas

plantas e teus

animais e sou imenso como um

continente ao vento do oceano

el condor pasa.

deitado sobre teu colo

mirando o céu sem fim

observo que em mim nascem lírios e jasmins

como na terra que vejo

deitado em teu ventre contemplo

teus céus para sempre meus

e a vida que plana nos prados onde

bisões e llamas marcham sós

contra os acidentes da escrita sobre

suas peles

deitado em teu leito de quimeras e

brisas e flores e pumas e prados e

prantos vejo povos lavrando tuas

entranhas como o fazendeiro zeloso lavra sua

lavoura

meu arado é minha palavra

minha lavoura é meu poema

vejo, sob a hera dos anos, cidades

perdidas e perdidas civilizações  
vejo o espírito de meus antepassados velando por  
mim no mistério  
pairando por sobre tua geografia  
sobre os poentes sobre tuas cavernas  
onde vejo inscrições e desenhos  
é com suas línguas de fogo que te falo  
é com suas mãos de magma e silício  
que te escrevo esta carta  
é com seus olhos de sol e feitiço que

te vejo

é com seus pés coloridos que eu

vago

é com suas narinas que eu respiro o  
azul o verde o gris  
o vermelho o rosa o branco o laranja  
e o fogo de teus entardaceres, oh  
América!

estão em mim teus campos de  
braços abertos para o infinito  
e retornam sob a forma de águias e condores e  
rios e cedros e álamos  
estão em mim teus desertos por onde  
lobos em chama vermelhos fogem  
das presas do homem e da história

estão em mim tuas nuvens de  
marfim mais mais leves que o lince  
em seus combios lentos como  
búfalos alimentados ao sol  
(em teus rios claros o céu é meu espelho)

esta noite, te ofereço minha chama  
de filho e tudo que de mim em ti contemplo:  
o sol primaveril, a brisa de abril e  
outubro sobre o deserto do

Atacama

esta noite, te oferto esta lua prateada  
clara e serena navegando o lago  
azulado da noite chilena, das estâncias,  
dos Andes onde nunca pisei com

meus pés

esta noite, te oferto meus filhos e a  
imortalidade do meu espírito

**AMERICA**

For Krista

I am lying down on the tender lap of America  
in the calm of her chamomile fields  
on her chest I nestle and calm myself  
like grass in the forest  
like a child in the arms of a blue morning  
nevertheless I am like a child ready to be born  
I am like a pure lily ready to bloom  
I walk through a pre-history myself  
I walk through the history of your rivers of your peaks  
I walk your sacred lands  
with my bare feet  
through your fragrant mint meadows

a spring sun on my face  
illuminates and loves me and looks upon me as a  
shadow of myself  
the sun the shadow and I are only one sun  
I place my ear near the lap of America and  
I listen:  
I hear her chest beating her voices speaking  
I hear ancient forgotten songs still resounding in the  
soft marigold landscapes and azaleas  
bordered with  
yellow daisies  
in the landscape of fennels all is sweet  
I walk over the placid dew that touches me and  
guides me through the blue premise  
between the scenic colors where I burn and  
discern your hazy and foggy smile in the face of  
your violets  
America, cherry aromas emanate from you and from  
the ripe pears in the breeze of August and  
September  
America, your fresh breath exhaling sunlit mornings  
are spring wells of virgin rivers  
aroused by dawn  
in Machu Picchu the enigma of your rocks slumbers  
in New Mexico, El condor pasa  
in El Salvador rests the warriors of your  
flame  
in Nicaragua, a revolution lurks

in the vastness of your plains you watch me with your  
vultures lynxes owls and scorpions

blue turquoise mountainous birds over your  
myrrh trees  
your petroglyphs are silent vocabularies  
that tattoo your name on your flesh without hurting you  
your flat plains full of atheist gods  
where arrows poisoned with blood fly  
my open arms near the ground feel the  
flesh from which you are made  
my bare arms like the very earth that I feel  
caress you gently  
they caress the earth from which one day they will be born  
forever

ants stroll the flowers' limbs  
I cover myself with wild flowers that look at me  
from the meadow and adorn me  
I put a clover over my chest towards the sun  
(in the geometric distance the diamondback rattlesnake faces  
the same sun)  
I cover myself with your flowery meadows and  
fruits and Elysium fields  
I will sleep under the cover of the stars

America, without you knowing I kiss your hands:  
wild rosemary and mint  
America, without you knowing I erect a  
totem pole in your name  
America, without you knowing I caress your face of  
trees and absinthe  
your cacti crowned with rosy flowers  
America, without asking you I write my name in the  
great abyss of your abysses  
I disappear through your canyons like a coyote  
disappears in the distance at dusk under red  
lava.

I see your freed birds passing by  
under the dome of firmament  
what do your birds hold on to now that they fly so  
free? Their wings are vessels navigating the  
same blue sea  
on their wings they carry the plume and the poem  
the plume with which I will write your poem



your birds guard secrets that are not dreamt  
nor seen

your birds are light gods  
incommunicado

your birds are invisible breezes by  
which other invisible birds fly  
autumn

I observe the birds passing over me  
and over the earth where I lie in my  
nest

I observe the lily and the jasmine free from the  
rage of your volcanoes  
both the lily and the jasmine  
are lying down by my right side  
and like me they watch and contemplate you  
silently

like myrrh bouquets watching over  
your nights and your clear constellations  
like a liquid magma rain  
imprisoned forever under the sky  
I take on the form of your valleys, your mountains your  
plants and your  
animals and I am immense like a  
continent on the ocean wind  
el condor pasa.

lying on your lap  
looking at the endless sky  
I observe lilies and jasmines sprout from within me  
like the earth I see  
lying on your belly I contemplate  
your skies forever mine

and life that soars over the planes where  
bison and llamas march alone  
against the accidents written on  
their skin

lying over your bed of chimeras and  
breezes and flowers and pumas and meadows and  
sobs I see people plowing your  
entrails like a zealous farmer cultivates his  
land

my plow is my word  
my crop is my poem

I see, under years of ivy, lost cities  
and civilizations lost  
I see the spirit of my ancestors watching over  
me in mystery  
hovering over your geography  
over the sunsets above your caverns  
where I see inscriptions and designs  
it is with their fiery tongues that I speak to you  
it is with their fiery and silicon hands  
that I write you this letter  
it is with her bright and enchanting eyes that

I see you

it is with her colorful feet that I  
wander

it is with her nostrils that I breath the  
blue the green the gray  
the red the pink the white the orange  
and the fire of your dawn, oh  
America!

they are in me your fields of  
open arms towards infinity  
and return as eagles and condors and  
rivers and cedar trees and poplars  
they are in me your deserts where  
red flame wolves flee  
from the prey of men and history

they are in me your ivory clouds  
but lighter than the lynx  
in their slow convoys like  
well-fed buffalos under the sun  
(in your clear rivers the sky is my mirror)

tonight, I offer you my flame  
of a son and everything of me in you I contemplate:  
the spring sun, April's breeze and  
October over the desert of

Atacama

tonight, I offer you this silvery moon  
clear and serene sailing the blue lake  
of a Chilean night, of your lands,  
of the Andes where I never stepped  
foot

tonight, I offer you my sons and  
the immortality of my spirit.

## LATINAMERICA

sou infecto  
e estou cheio de impurezas  
como meu povo  
o povo que me povoa  
de olfatos e memórias  
de olvidos e quimeras  
de azaléias azuis e cançonetas  
o povo que em mim soergue povoados e aldeias  
e esculpe acidentes geográficos em minha carne  
falando línguas que não falo  
escrevendo palavras que não escrevo  
como um trem de vapor  
planando sobre os caminhos de uma terra virgem  
e hesita e segue rumando adentro do invisível  
mais que há em nós  
garimpando luares  
num rio de noites

códices  
máscaras  
espectros  
totens  
pássaros  
mosaicos  
verdes  
latitudes  
lavras  
povos  
llamas  
bisões  
lanças  
pirâmides  
cântaros  
instrumentos  
escrevendo palavras de núvens e advento  
na boca de uma civilização

sou infecto  
como a lâmina afiada invisível que em mim  
(que nos nós profundos)  
fronteira o sim e o não  
e sei antes que o tempo fosse tempo  
que não se nasce impunemente

a moeda com que se cunha um continente

mas estou contrito com o horizonte  
com as pedras de Machu Picchu e Cuzco  
com o cobre por sobre o sol que cobre o Atacama  
com o coqueiral verde-oliva na ilha de meus sonhos  
o bananal verde-claro por sob seu crepúsculo

sou infecto  
e espero a chuva que não molha  
a chuva que não cai do céu  
a chuva que não lava  
a chuva que um dia resplandecerá em mim um dia límpido de maio

## **LATIN AMERICA**

I am infected  
and I am full of impurities  
like my people  
the people that populate me  
with memories and smells  
fantasies and the forgotten  
blue azaleas and light songs  
the people that raise towns and tribes in me  
and sculpt geographical accidents on my flesh  
speaking tongues that I do not speak  
writing words that I do not write  
like a steam engine  
gliding down the roads of a virgin land  
that hesitates and continues steering inside the invisible  
beyond us  
panning moonlights  
in the night river

codices  
masks  
specters  
totem poles  
birds  
greens  
mosaics  
latitudes  
mines  
people

llamas  
bison  
spears  
pyramids  
pitchers  
instruments  
writing words of clouds and advent  
in the mouth of a civilization

I am infected  
like an invisible sharpened blade that in me  
(that deep in us)  
borders yes and no  
and I know that before time was time  
that it is not born with impunity  
the coin that mints a continent

but I have faith in the horizon  
with the rocks of Machu Picchu and Cuzco  
with the copper over the sun covering the Atacama  
with the olive-green coconut grove on the island of my dreams  
the green banana grove under its twilight

I am infected  
and I await the rain that does not wet  
the rain that does not fall from the sky  
the rain that does not wash over  
the rain that will one day shine in me a clear May morning

## TENOCHTILÁN

e quem libertará o crepúsculo dos velhos pecados? mais  
do que isto: quem entenderá a luna equatorial bordando  
com estrelas a longa noite que se arrasta há séculos?

numa praia guatemalteca dormem a tristeza  
e a esperança do coração latino-americano  
revolucionário e suave em nossas faces máscaras  
astecas formatam nossos rostos

e o estranho sacrifício da vida ainda ocorre dentro de nós

quantos dobrões de ouro não pagariam pela captura de minha alma...

## TENOCHTITLAN

and who will liberate the twilight from old sins?  
more than that: who will understand the equatorial moon  
embroidering with stars the long night that has dragged on for  
centuries?

on a Guatemalan beach sleep the sadness and  
hope of the revolutionary and gentle Latin American heart  
on our faces Aztec masks mold our image

and the strange sacrifice of life still occurs in us

how many doubloons of gold would one pay for my soul's capture...